

Pesquisa qualitativa nas ciências sociais: uma discussão acerca de sua complexidade e perspectivas futuras

Qualitative research in social sciences: a discussion about your complexity and future perspectives

Ruth Gonçalves Duarte¹
Diego de Queiroz Machado²
Fátima Regina Ney Matos³

Resumo

Mesmo recebendo críticas pesadas e não tendo ainda alcançado o status de método, uma vez que são muitos os que a consideram uma arte, é inegável a contribuição que a pesquisa qualitativa trouxe, em especial, no contexto das ciências sociais. Dessa forma, o presente ensaio tem como objetivo apresentar, mediante exploração dos principais dilemas recorrentes da sua aplicação, a pesquisa qualitativa em toda a sua complexidade. Espera-se, com a promoção de tal discussão, que possam ser reconhecidas as múltiplas vozes e críticas responsáveis por promover e impulsionar uma evolução de seus métodos e técnicas, permitindo um desenvolvimento constante e radical da pesquisa qualitativa como instrumento de ciência, pura e aplicada.

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa. Complexidade. Confiabilidade. Validade. Perspectivas.

Abstract

Even getting heavy criticism and has not yet reached the status of method, since there are many who considers it an art, it is undeniable the contribution that qualitative research brought, in particular, in the context of the social sciences. Thus, this essay aims to present, by exploring the main recurring dilemmas of its application, the qualitative research in all its complexity. It is expected, with the promotion of this discussion, which can be recognized multiple voices and criticism responsible for promoting and driving an evolution of its methods and techniques,

¹Mestranda em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Especialista em Gestão Tributária e em Docência à Distância e Bacharel em Ciências Contábeis. E-mail: ruthduarte2@gmail.com.

²Doutorando em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), especialista em Gestão de Pessoas pela Faculdade Estácio do Ceará (2010) e bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Ceará (2007). E-mail: diegoqueirozm@yahoo.com.br.

³Doutora em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (2008). Mestre em Administração pela Universidade Estadual do Ceará (2000). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1979). Professora adjunta do Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade de Fortaleza. E-mail: fneymatos@globo.com.



allowing for a constant and radical development of qualitative research as a tool of science, pure and applied.

Keywords: Qualitative Research. Complexity. Reliability. Validity. Perspectives.

1. Introdução

O conhecimento da realidade sempre foi preocupação para o *homo sapiens*. Na visão ocidental, a ciência é uma forma hegemônica de construção da realidade. A sua capacidade de dar respostas técnicas aos problemas sociais e humanos e o estabelecimento de uma linguagem universal para a compreensão do mundo fizeram com que a sociedade moderna passasse a valorizar a ciência frente às outras modalidades de saber.

Porém, Minayo (2007) contesta essa hegemonia, tendo em vista que o homem sempre procurou explicações para os fenômenos relacionados com a vida e com a morte, com a posição dos indivíduos na organização social, bem como com os mecanismos de poder, de controle e de reprodução, no que corrobora Foucault (1971, p. 67), que discute o saber em sua arqueologia e identifica que “lá no fundo, em seu subterrâneo, onde se apresenta sem máscaras, mostra sua mais verdadeira face, que é a subserviência ao poder”.

A universalidade da linguagem científica é passível de variações, tendo em vista a natureza dos objetos estudados. No caso das ciências sociais, que trabalha objetos históricos — a sociedade e os indivíduos — dotados, por isso, de uma consciência histórica, existe uma identidade entre o sujeito e o objeto da investigação. Tal relacionamento “passa pela subjetividade e por interesses diversos” (MINAYO, 2007, p. 41), tendo no seu objeto um cunho essencialmente qualitativo.

A Grécia antiga, como o berço da civilização ocidental, legou “uma base objetiva para o conhecimento humano” (SOLIS, 1990, p. 161): da lógica aristotélica a um dos primeiros tratados etnográficos conhecidos, a descrição feita por Heródoto sobre “os costumes, as vestimentas, as armas, os barcos, os tabus alimentares e as cerimônias religiosas dos persas e povos circunvizinhos” (GOLDENBERG, 2004, p. 16).

Porém, de acordo com Bogdan e Biklen (2006), os primeiros registros sobre investigações qualitativas datam do século XIX, sendo baseados em investigações sociais como os estudos do cotidiano de indivíduos urbanos. Essas investigações

relatavam problemas sociais pelos jornalistas sensacionalistas, sendo característico deles denunciarem a precariedade das condições da vida urbana. Também adeptos do estudo de caso, que adotavam uma metodologia baseada em dados recolhidos em primeira mão para suas investigações, enfatizavam a vida da cidade, uma vez que enxergavam os problemas sociais além do visual. Sendo assim, o enriquecimento do estudo qualitativo baseou-se em um contato direto com o mundo social, buscando reconhecer as partes e o todo para um melhor aproveitamento e credibilidade do resultado dos seus estudos.

Neste cenário, a pesquisa social ressalta como um conjunto de “tipos de investigação que tratam do ser humano em sociedade, de suas relações e instituições, de sua história e de sua produção simbólica” (MINAYO, 2007, p. 47). Bulmer (1978 apud MINAYO, 2007) classifica esses tipos de investigação, nas pesquisas sociais, em cinco modalidades: pesquisa básica, pesquisa estratégica, pesquisa orientada para problemas específicos, pesquisa-ação e pesquisa de inteligência. Com essa classificação, o autor critica a distinção tradicional entre pesquisa pura e pesquisa aplicada, afirmando que “pesquisas teóricas podem ter e têm importantes conseqüências práticas; e pesquisas aplicadas costumam ter implicações e contribuições teóricas” (MINAYO, 2007, p. 49).

Contudo, independente do tipo de pesquisa, existe em estudos qualitativos uma complexidade inerente ao próprio método. Segundo Nelson et al. (1992 apud DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 21), “a pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. A pesquisa qualitativa é muitas coisas ao mesmo tempo”.

Sendo assim, mesmo recebendo críticas pesadas e não tendo ainda, segundo Flick (2007), alcançado o status de método, uma vez que são muitos os que a consideram uma arte, é inegável a contribuição que a pesquisa qualitativa trouxe, em especial, no contexto das ciências sociais. Dessa forma, o presente ensaio tem como objetivo apresentar, mediante exploração dos principais dilemas recorrentes da sua aplicação, a pesquisa qualitativa em toda a sua complexidade. Espera-se, com a promoção de tal discussão, que possam ser reconhecidas as múltiplas vozes e críticas responsáveis por promover e impulsionar uma evolução de seus métodos e de suas técnicas, permitindo um desenvolvimento constante e radical da pesquisa qualitativa como instrumento de ciência pura e aplicada.

2. A complexidade da abordagem qualitativa

De acordo com Olabuénaga (2012), o campo da abordagem qualitativa deve ser entendido, em sua totalidade, com um olhar holístico e global do fenômeno estudado, nunca isolado, dissecado ou fragmentado. A estratégia da abordagem qualitativa deve impor um contexto de descobrimento e de exploração.

Porém, como qualquer atividade científica, a pesquisa deve ser conduzida mediante a presença de paradigmas que delineiam sua abordagem e orientação. Carr e Kemmis (1986), ao abordar as pesquisas educacionais, distinguem três paradigmas principais, tratados como formas de orientação para a pesquisa qualitativa: positivista, cuja realidade se considera como estável e mensurável; interpretativa, que considera a realidade como sendo construídas pelos indivíduos; e crítica, que vê a realidade como fenômenos em transformação. Sobre esta última orientação, os autores defendem:

Um dos objetivos centrais da teoria crítica tem sido reavaliar a relação entre a teoria e a prática, à luz das críticas aos positivistas e abordagens interpretativas para a ciência social que surgiram ao longo do século passado. [...] Em complacência com a ciência moderna, os teóricos críticos viram um grande perigo para a sociedade moderna: a ameaça do fim da própria razão. A razão tinha sido substituída pela técnica, o pensamento crítico sobre a sociedade pelo seguimento da regra cientificista (CARR; KEMMIS, 1986, p. 131) [tradução nossa].⁴

De maneira didática e esclarecedora, Strauss e Corbin (2008, p. 23) definem pesquisa qualitativa como “qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação”.

Ao definir a pesquisa qualitativa como um “conceito genérico para diversas formas de investigação”, Merriam (1998, p. 5) apresenta como características comuns a essas formas de investigação a visão de que a realidade é construída pelas interações sociais, a valorização do papel do pesquisador, a utilização de trabalho de campo, uma estratégia de pesquisa indutiva e resultados descritivos

4 *One of the central aims of critical theory has been to reassess the relationship between theory and practice in the light of the criticisms of the positivist and interpretive approaches to social science which have emerged over the last century. [...] In the complacency of modern science, the critical theorists saw a great danger for modern society: the threat of the end of reason itself. Reason had been replaced by technique, critical thinking about society by scientific rule following.*

como produto. Além dessas, outros aspectos como uma estrutura de pesquisa flexível, com seleção de campo empírico aleatória, onde o pesquisador está em contato com os participantes, são comumente presentes em pesquisas qualitativas.

Diferenciando-a da pesquisa quantitativa, Godoy (1995a, p. 58) define a pesquisa qualitativa como aquela que “parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo a medida que o estudo se desenvolve, [envolvendo] a obtenção de dados descritivos (...) pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada”. Mediante uma análise histórica dos trabalhos e autores que originaram e fundamentaram esse tipo de pesquisa, a autora apresenta como suas características básicas: o ambiente real como fonte direta de dados, o papel fundamental do pesquisador, a abordagem descritiva dos significados e o enfoque indutivo na análise dos dados.

Na pesquisa qualitativa, por sua natureza, o processo é bem mais indutivo. Há uma exploração do tema de forma muito mais livre e aberta. O pesquisador está muito menos escravizado por seu instrumento. [...] Na pesquisa qualitativa, há menos decisões irreversíveis, pois se trata de uma exploração permanente em que as dúvidas, as respostas, as pistas e os novos territórios de indagação permanecem abertos até o final. O método não se fecha sobre o pesquisador (CASTRO, 2006, p. 107-108).

Essa flexibilidade da pesquisa qualitativa possibilitou o surgimento de uma vasta gama de métodos e técnicas que compartilham das suas características fundamentais. Nesse âmbito, Haguette (2001) apresenta a observação participante, a história de vida, a entrevista e a história oral como técnicas de coleta de dados em pesquisa qualitativa. Já Bruyne, Herman e Schoutheete (1977) destacam, além da entrevista e da observação participante, a observação externa e a análise documental.

No entanto, ao considerar o leque de variações possíveis para a pesquisa qualitativa, Tesch (1990, p. 58) afirma ser “impossível separar [esses métodos] em categorias de acordo com os tipos de pesquisa qualitativa”, enumerando quarenta e seis tipos de métodos qualitativos distintos. Dessa forma, a tipologia apresentada pela autora leva em consideração apenas o interesse do pesquisador, que pode ser nas características da linguagem, na descoberta de regularidades ou na compreensão de significados.

Expondo a ausência de consenso na classificação das pesquisas qualitativa, Patton (2002, p. 132-133) apresenta uma lista de dezesseis tipos de pesquisa

qualitativa, diferenciadas por raízes disciplinares e questões centrais de pesquisa, afirmando, no entanto, que tal lista não é exaustiva. Em contrapartida, Denzin e Lincon (2006) distinguem a pesquisa qualitativa em sete fases históricas: tradicional, modernista, gêneros obscuros, crise da representação, pós-moderna, pós-experimental e atualidade. Merriam (1998), por outro lado, ao focar a análise da pesquisa qualitativa na área educacional, apresenta cinco tipos distintos: básico, etnografia, fenomenologia, *grounded theory* e estudo de caso.

Godoy (1995b), por sua vez, aponta três caminhos para a pesquisa qualitativa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. No caso da pesquisa documental, ressalta-se a variedade de documentos com possibilidade de uso para extração de dados — jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios, estatísticas e elementos iconográficos. Cellard (2012, p. 297) inclui também como documentos “qualquer tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos, etc.”.

Prior (2008) não considera documentos como simples fontes de informação ou apenas palavras, imagens, informes ou instruções, enfatizando que documentos podem influenciar em interações humanas e em esquemas de organização social. Documentos podem ser considerados atores, devendo ser tratados, de acordo com Glaser e Strauss (1967), como informantes, ou seja, como sujeitos da pesquisa.

Outra característica dos documentos é possibilitar a realização de alguns tipos de reconstrução, “sendo insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas” (CELLARD, 2012, p. 295).

Com relação ao estudo de caso, a vantagem está na análise de fenômenos “dentro de algum contexto da vida real” (GODOY, 1995b, p. 25), podendo utilizar-se de um ou mais casos e de observação participante ou não-participante. Por fim, a etnografia é capaz de aprofundar as inter-relações entre os sujeitos e os significados de eventos que surgem em um determinado contexto.

Ainda no que diz respeito aos métodos utilizados, além dos já citados, Castro (2006, p. 113) destaca os grupos de discussão ou grupos focais afirmando:

Trata-se de um método que foi popularizado pelos publicitários, em suas tentativas de entender os consumidores desse ou daquele produto. [...] Uma das principais características dos grupos de discussão é que o mediador joga uma pergunta para o grupo, mas não busca apenas a primeira resposta que já estava pronta ou semipronta em suas mentes. Pelo contrário, permite que, pelo debate, as ideias sejam exploradas e até que as pessoas mudem de opinião diante de argumentos mais convincentes de outros membros ou dele mesmo. O mediador vai sempre puxando a discussão para os temas em que está interessado.

Ao lembrar a relação entre os tipos de pesquisa qualitativa citados e os objetivos do pesquisador com o estudo, Roesch (1996) apresenta a dificuldade da definição desses mesmos objetivos, o que leva a uma demora excessiva na sua finalização. Como “não está claro para os alunos que um tema pode ser desenvolvido de diversas maneiras e, tampouco, evidentemente, quais são essas maneiras” (ROESCH, 1996, p. 75-76), haveria a necessidade de construção de modelos adequados especialmente a esta área de pesquisa, cujas características, como ciência social aplicada, dividem-se em aspectos acadêmicos e profissionais. No entanto, sobre essa tipologia, a autora afirma:

A tipologia não é apresentada para defender a posição de que os projetos têm de ser unitários. O argumento é que eles devem ser, predominantemente, de um tipo. O que se pretende é facilitar a definição clara do propósito ou do objetivo geral dos projetos dos alunos, em sua fase inicial (ROESCH, 1996, p. 83).

Independente do tipo de método utilizado, deve-se obedecer “a critérios de fidelidade e validade, além dos critérios de qualidade (exatidão, precisão dos dados) e de eficiência (custo da informação)” (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977, p. 210). Tais critérios são importantes para evitar qualquer “indisciplina metodológica” (CASTRO, 2006, p. 108), que pode tirar o foco da pesquisa e impossibilitar a produção de resultados. Dessa forma, quanto maior a liberdade inerente ao método utilizado, maior deve ser a disciplina do pesquisador.

Toda essa complexidade, segundo Flick (2007), advém da mudança social acelerada e da conseqüente diversificação de esferas de vida, sem esquecer que todo novo conhecimento parte de um conhecimento preexistente, seja ele científico ou empírico. Assim, independente do tipo de pesquisa utilizado, ressalta-se a

importância do próprio pesquisador, no caso dos estudos qualitativos, cujas características devem remeter a uma tolerância a ambiguidades, à intuição e à boa comunicação. Mesmo sendo este um “instrumento falível como qualquer outro instrumento de pesquisa” (MERRIAM, 1998, p. 20), o pesquisador pode “determinar se realizar este tipo de investigação seria um processo confortável e ao mesmo tempo, aperfeiçoar as habilidades necessárias para fazê-lo” (MERRIAM, 1998, p. 24).

Dessa forma, entende-se que as diversas tipologias nada mais são que caminhos oferecidos pela pesquisa qualitativa para compreender um aspecto da verdade escondida no que diz respeito à realidade observada. Por fim, cabe ao pesquisador, detentor e condutor da pesquisa no caminho escolhido, assumir-se responsável por este esforço de descoberta ao mesmo tempo em que influencia na sua construção.

3. O pesquisador iniciante e a escolha dos sujeitos de pesquisa

Dentre os muitos aspectos que envolvem a vida acadêmica, a prática da pesquisa acaba por merecer particular atenção pela sua importância na descoberta e na construção do saber, deslocando o professor do papel de disseminador de conhecimentos para produtor deste. Sobre essa atividade, Freitas (2002), Gondim e Lima (2002) concordam em defender a pesquisa científica como atividade que diferencia o profissional que apenas busca um emprego como professor, daquele que deseja construir carreira por vocação. Assim, qualquer ser humano que apreende e desvenda significados da vida social ou de determinada coisa estará produzindo conhecimento. Esse processo acontece a partir da atividade científica, a qual permite aproximar ao máximo da realidade prático/teórico em relação ao entendimento de como ocorrem e por que ocorrem determinados fenômenos.

Neste sentido, o caminho para desvendar uma realidade passa pela escolha de uma metodologia com instrumental de pesquisa adequado a cada tipo de objeto de estudo, sem esquecer que todo trabalho científico deve ser reproduzido, ou seja, replicado por outros pesquisadores. Para tanto, Mills (1975) apresenta o pesquisador como alguém que está sempre na busca pela produção de conhecimentos e não na busca por financiamentos que determinada pesquisa possa

conseguir. Este pesquisador não começa a trabalhar em um projeto, mas está sempre trabalhando, “seja num veio pessoal, nos arquivos, nas notas tomadas aos rascunhos, ou nos empreendimentos dirigidos” (MILLS, 1975, p. 239).

Para boa parte dos iniciantes nesta prática, Gondim e Lima (2002) afirmam ser necessária a aprendizagem na arte da escrita, assim como na da pesquisa, o que, geralmente, só ocorre nos cursos de pós-graduação, sendo a elaboração da dissertação ou tese “a primeira experiência de investigação empírica e de redação de um texto científico de maior complexidade” (GONDIM; LIMA, 2002, p. 10). O trabalho de pesquisa, portanto, não deve ser visto apenas como uma exigência formal para a conclusão de um curso, e sim como um momento de aprendizagem e crescimento para o pesquisador iniciante. Sua construção não significa apenas ao domínio de um conteúdo, mas de domínio de suas “inseguranças, medos, escapes, defesas, ansiedades e angústias” (FREITAS, 2002, p. 93).

Como características de um bom pesquisador, Gondim e Lima (2002) ressaltam a afinidade com as pesquisas da academia, a curiosidade e a disciplina. Além disso, é importante que o mesmo valorize tanto as construções teóricas quanto o contato com os dados, trabalhando com o método muito mais do que com a genialidade, tendo em vista questões práticas como o tempo hábil para a finalização do trabalho e as opções metodológicas.

Como a pesquisa qualitativa responde a questões bem específicas, ela se detém a responder um nível de realidade que não seria possível ser utilizado ou replicado apenas por meio de números. A pesquisa qualitativa possui características interpretativas e compreensivas da realidade social, em que toda a pesquisa social empírica se seleciona evidência para argumentar e necessita justificar a seleção como a base de investigação, de descrição, de demonstração, de prova ou de refutação de uma afirmação específica.

Dessa forma, para a compreensão do objeto em estudo faz-se necessário a construção de um *corpus* na qual a amostragem representativa funcionalmente equivale ao todo. Assim sendo, emprega-se esse tipo de linguagem para a formulação positiva da seleção qualitativa sem comprometer a credibilidade da pesquisa. Bauer e Aarts (2002) afirmam que, sendo a amostragem a estatística aleatória, a melhor alternativa de seleção de amostra para pesquisas em ciências sociais tem-se a construção de *corpus* como a escolha sistemática de racional alternativa como garantia de eficiência na pesquisa ao fornecer uma base lógica

para o estudo de apenas partes de uma população sem que se perca as informações do todo. Assim, a amostragem e construção de *corpus* compostos por dois procedimentos de seleção diversos compreende a amostragem representativa que utiliza um caminho intermediário entre contagem de uma população e a conveniente seleção.

Desse modo, a escolha dos sujeitos na pesquisa qualitativa passa por um processo rigoroso de seleção de amostra, que atenda, plenamente, à representatividade de uma população, obedecendo aos parâmetros de uma população, que são calculados através das estimativas observadas na amostra. Assim, amostragem é um conjunto de técnicas para se conseguir representatividade, levando em consideração um referencial de amostragem que operacionalize a população e a qualidade deste referencial é medida pelo quanto ela não consegue abranger todos os elementos que devem ser pesquisados, ou seja, a não cobertura da amostragem do objeto como um todo. No caso de uma amostragem representativa, os pesquisadores conseguirão a melhor descrição possível de uma população, mesmo pesquisando apenas parte dela (BAUER; AARTS, 2002).

Conseqüentemente, a busca pelos sujeitos na pesquisa qualitativa também requer um entendimento claro sobre o que vem a ser *corpora* da linguagem ou simplesmente *corpus*, coleções de dados de linguagem que servem para vários tipos de pesquisa. Nas ciências sociais, a questão é como selecionar dados para a pesquisa qualitativa, entendendo que o *corpus* não é um termo técnico empregado amplamente na metodologia dessa pesquisa. Com a crescente crítica, a seleção das entrevistas, dos textos e de outros materiais exige um tratamento mais sistemático comparável ao da pesquisa por levantamento. O levantamento de dados requer do pesquisador persistência e desconfiância, devendo sempre ser repetidos quantas vezes forem necessárias. Isso acontece até o momento em que ocorre a diminuição de retornos, quando isso acontece o *corpus* foi saturado.

Sampieri, Collado e Lucio (2006) asseveram que a pesquisa qualitativa faz uso de amostras não-probabilísticas, por conveniência, como a seleção de indivíduos típicos com a vaga esperança de que serão casos representativos de determinada população. As amostras não-probabilísticas são de grande valor a partir do momento em que o interesse em generalizar os resultados é pouco expressivo. Existem vários tipos de amostras por conveniência, tais como a amostra de indivíduos voluntários. Como exemplo, os estudos de laboratório, nos quais os

indivíduos sejam homogêneos nas variáveis, como idade, sexo; de maneira que os resultados não obedeçam às diferenças individuais, mas sim às condições a que foram submetidos. Já a amostra de especialistas é aquela que busca a opinião destes em determinado tema, são comuns em estudos qualitativos e exploratórios para gerar hipóteses mais precisas. Enquanto a amostra indivíduos-tipo é utilizada em estudos exploratórios e em pesquisas do tipo qualitativa, nos quais o objetivo é a riqueza, a profundidade da informação.

Dentre os tipos de amostragem utilizados na pesquisa qualitativa, é imprescindível mencionar a amostragem teórica, proposta por Glaser e Strauss (1967), que indicam que a escolha de grupos e a estruturação das observações não devem ser submetidas a qualquer tipo de coerção, tendo em vista que não são conhecidas as variáveis significativas. A amostra teórica inicial é determinada pelo problema de pesquisa, sendo os sujeitos escolhidos “em função de sua pertinência [...]”. A amostra teórica pode ser continuamente modificada em resposta às análises, não podendo, portanto, ser inteiramente determinada de antemão, ela se constrói antes, por etapas sucessivas” (LAPERRIÈRE, 2012, p. 365).

Sendo assim, entende-se que a amostra de pesquisa é uma das etapas fundamentais para a construção de um trabalho científico. Pois, selecionar os sujeitos na pesquisa qualitativa requer do pesquisador habilidade e conhecimento das formas de como construir a amostra dos sujeitos em estudo. Deve-se estar atento ao problema da saturação da amostra, pois muitas vezes o pesquisador tem que repetir os procedimentos, como entrevistas, questionários e observações para dar maior credibilidade aos resultados da pesquisa qualitativa. O pesquisador deve estar sempre alerta para qualquer eventualidade, não confiar apenas em suas intuições, mas ir além delas, ou seja, manter a mente aberta para possíveis mudanças sociais, que, no momento da pesquisa, tais mudanças ou acontecimentos não eram perceptíveis. Enfim, o tipo de amostra vai depender do objeto de estudo que se quer pesquisar. Identificar a melhor amostra para a pesquisa garantirá maior credibilidade e confiabilidade no resultado dos estudos qualitativos.

4. Os problemas da confiabilidade e validade

Olabuénaga (2012) aponta que a cruz de toda investigação, seja quantitativa ou qualitativa, é a de garantir sua validade. Os critérios de rigor e excelência não

Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s., Florianópolis, v.14, n.104, p.203-224, jan/jun 2013

devem ser os mesmos, e nem sequer equivalentes aos utilizados pela análise quantitativa, tendo em vista que a abordagem qualitativa enfatiza o “conhecimento da realidade sob uma perspectiva de insider, de captar o significado particular que a cada fato atribui o seu próprio protagonista e de contemplar estes elementos com peças de um conjunto sistemático” (OLABUÉNAGA, 2012, p. 17).

A pesquisa qualitativa deve buscar, sempre, critérios de boa análise qualitativa, assim como a questão da transparência nos procedimentos e nos critérios de prática também não deve ficar em segundo plano. Nas pesquisas científicas buscar critérios explícitos sobre o que se constitui uma “boa prática” também é muito importante para difundir o conhecimento com mais credibilidade pública. Contudo, a relevância dos resultados requer a indicação dos métodos qualitativos e a qualidade de pesquisa para cada método, em que sua escolha dependerá do problema em estudo, podendo ser de interesse particular.

Diante disso, a escolha de dados e procedimentos analíticos pode resultar a não replicação dos achados no meio acadêmico, uma vez que o resultado do estudo terá cunho particular. Por isso, é interessante a adoção de métodos que se adaptem melhor à solução de um problema específico, viabilizando a replicação mais generalizada do resultado do trabalho científico. Se o pesquisador for habilidoso irá selecionar a ferramenta apropriada para a tarefa específica, porém a escolha apropriada requer consciência e competência em empregar diferentes instrumentos metodológicos, desde que bem orientado a trabalhar bem e adequadamente, vislumbrando uma descrição explícita da “boa prática”, seja qual for o método empregado (BAUER; GASKELL, 2002).

Em relação aos critérios de qualidade da boa prática de pesquisa, Bauer e Gaskell (2002) chamam atenção para a observância dos importantes critérios de fidedignidade, de validade e de representatividade das questões de garantia de qualidade, na pesquisa qualitativa. Campbell e Stanley (1966 apud BAUER; GASKELL, 2002) explanam um tratamento cuidadoso das questões de qualidade na pesquisa quantitativa para o campo da educação, usando como primeiro critério de qualidade a validade interna. Esta questiona se o delineamento da pesquisa e as maneiras de coletar dados, bem como a organização do experimento, são construídos de tal modo que permitam conclusões confiáveis.

Existem várias formas de validade. Primeiramente, a validade de conteúdo, que se refere à adequação da amostra ao campo em questão. Em segundo lugar, a

validade de critério, que é o quanto o teste distingue acuradamente entre grupos que sabemos serem diferentes com respeito à característica que está sendo analisada, assim como as pessoas com características específicas irão se comportar no futuro. Para atender aos critérios de confiabilidade e validade da pesquisa, os pesquisadores devem incorporar fidedignidade, validade e representatividade na análise e nos relatórios de pesquisa, para que outros possam empregar esses critérios para julgar se eles podem confiar nas conclusões conseguidas por outro pesquisador. A tarefa do pesquisador é explicar como sua amostra é representativa de uma população em estudo, e como os procedimentos de pesquisa podem ser vistos como fidedignos e válidos. Embora haja controvérsias entre pesquisadores qualitativos pelo fato de que a investigação qualitativa tem a ver com sentidos e interpretações e não com números ela é a melhor opção para um estudo em profundidade (BAUER; GASKELL, 2002).

Na visão de Bauer e Gaskell (2002), mesmo não sendo característica específica da pesquisa qualitativa, a prestação pública se aplica a qualquer forma de ciência que nós consideramos como uma produção de conhecimento metodologicamente fundamentada. Em observância aos indicadores de confiabilidade, os resultados não são construídos ou falsificados com objetivos externos à pesquisa, mas ao resultado de um encontro empírico com o mundo. Para a pesquisa qualitativa, a confiabilidade é indicada pela:

- a) triangulação e compreensão reflexiva através de inconsistências;
- b) pela clareza nos procedimentos;
- c) pela construção do *corpus*; e
- d) pela descrição detalhada.

Na construção da amostra, o que interessa não é o tamanho, mas certa evidência de saturação. A publicidade da pesquisa qualitativa se fundamenta em dois critérios: o da confiabilidade e o da relevância. Se a intenção é competir dentro de um cenário mais amplo, faz-se necessário justificar seus métodos e proposições e responder às exigências de credibilidade pública, de confiabilidade e de relevância. O principal objetivo do conhecimento científico é a sua validade, considerando que todos os relatórios de pesquisa devem encontrar uma forma de fundir os extratos dos dados com os achados da pesquisa para alegar credibilidade. Pela capacidade de oferecer descrições ricas dos ambientes sociais, a pesquisa qualitativa atende perfeitamente a produção desse conhecimento científico, mas

reconhecendo a complexidade ao abstrair os dados das matérias-primas para a produção dos achados é possível que haja perdas da forma original do material (SILVERMAN, 2009).

Para Silverman (2009), no campo das ciências sociais, percebe-se um enorme abismo entre a pesquisa social qualitativa e a pesquisa social quantitativa, como exemplo, o pesquisador deve resistir à tentação de chegar a conclusões fáceis, apenas porque há evidência que parece conduzir a uma direção interessante. Esta evidência deve ser sujeitada a todo teste possível, implicando que a qualidade da pesquisa se torne digna de crédito, se fizermos todo o esforço para falsificar nossas suposições iniciais sobre nossos dados. Numa pesquisa qualitativa, a aplicabilidade dos padrões científicos de credibilidade torna-se um problema a partir da percepção da existência de diferenças entre mundo natural e social, visto que a vida social acontece dentro de uma realidade social em constante processo de mudança; não faz sentido o pesquisador se preocupar em quais instrumentos de pesquisa são precisos em sua medição.

A busca por uma transcrição perfeita de determinada realidade social é impossível, podendo chegar a uma transcrição aceitável, pois os fatos sociais são dinâmicos. A confiabilidade e validade da pesquisa são fundamentais para um bom resultado de pesquisa, pois ambas estão cheias de subjetividades. A validade da pesquisa fica comprovada com a replicação dos achados, bem como permitir que com o uso dos mesmos métodos seja possível encontrar conclusões similares. Por isso, o método de triangulação sugere ao pesquisador qualitativo uma reunião de lembretes sobre o caráter situado na ação. Silverman (2009) afirma que o tempo das críticas indiscriminadas à pesquisa qualitativa é passado, visto que o papel do pesquisador qualitativo é mostrar como esse tipo de pesquisa pode ser tão confiável quanto o melhor trabalho quantitativo.

5. Análise com o uso de *softwares*

O uso do computador como ferramenta auxiliar de análise de dados em pesquisas qualitativas iniciou-se no início da década de 1980, intensificando-se com a chegada do computador de uso pessoal. Em meados da década de 1980, ocorreu um avanço do conhecimento e da experiência em desenvolvimento de *software* voltado para a análise de dados qualitativos. Pela complexidade da pesquisa

qualitativa, os programas de computadores despontam como grandes aliados do pesquisador qualitativo no tocante ao processamento dos dados pesquisados. Para desempenhar tal tarefa no computador, deve ser criado um banco de dados textuais não formatados, no entanto, os *softwares*, em geral, são padronizados, como os processadores de palavras ou sistemas de bancos de dados-padrão, tornando o uso dessa ferramenta limitado (KELLE, 2002).

Para Kelle (2002), algumas técnicas para auxiliar a análise dos dados qualitativos com o auxílio de computador ajudam na organização dos dados, porém o *software* não pode ser visto como um método único, uma vez que existe uma variedade de técnicas. Estas sendo simples ou complexas, a escolha vai depender do passado metodológico do pesquisador, seu problema e seus objetivos de pesquisa. Não se deve confundir análise de dados qualitativos com auxílio de computador com análise qualitativa, pois *softwares* como *The Ethnograph*, Atlas/ti ou Nud*ist são instrumentos para mecanizar tarefas de organização e arquivamento de textos e não instrumentos para análise de dados.

Assim sendo, a análise interpretativa de dados textuais com o auxílio de computador vai além do uso deste. Coffey et al. (1996 apud KELLE, 2002) alertam que a ênfase unilateral, dada as operações de codificação e de reapresentação, pode levar ao esquecimento de outras técnicas no uso do computador, especialmente técnicas oferecidas por sistemas de hipertexto, permitindo ao pesquisador navegar por vários textos ao mesmo tempo.

Os *softwares* para análise de dados textuais também funcionam, sendo útil no aprimoramento de conceitos teóricos e exames de hipóteses, sem esquecer que o exame de hipóteses qualitativas é um processo bastante diferente do teste estatístico de hipótese. O uso desses *softwares* auxilia o pesquisador, ainda para testar e confirmar os resultados ou as verificações, permitindo ao pesquisador qualitativo retornar aos dados ou retornar ao campo, a fim de encontrar alguma evidência que confirme ou desconforme os resultados da pesquisa (KELLE, 2002).

O uso de *softwares* na pesquisa qualitativa, como exemplo, o Atlas/ti, possibilita ao pesquisador uma melhor análise qualitativa. Esta vem, cada vez mais, sendo aceita pela academia. Dentre os *softwares* de análise textual destaca-se o Atlas/ti, desenvolvido no contexto de um projeto multidisciplinar (1989-1992), cujo objetivo era “desenvolver uma ferramenta que pudesse apoiar o ‘interpretador humano’ na atribuição de significado ao texto e não automatizar o processamento”.

O elemento humano é fundamental, desde a coleta até a análise dos dados, visto que o computador é apenas uma máquina que precisa ser alimentada por comandos ditados pelo pesquisador (BANDEIRA-DE-MELLO, 2006).

Segundo Bandeira-de-Mello (2006, p. 440), no uso do Atlas/ti, os procedimentos de análise pelo pesquisador são norteados por quatro princípios:

- a) visualização: gerenciamento da complexidade do processo de análise;
- b) integração: a base de dados e todos os elementos construídos na análise são integrados em um único projeto, unidade hermenêutica;
- c) casualidade (*serendipity*): promove a descoberta e os *insights* casualmente; e
- d) exploração: a interação entre os diferentes elementos constitutivos do programa promove descoberta e *insights*.

Na visão de Bandeira-de-Mello (2006), para dar maior credibilidade ao trabalho científico, a aplicação do Atlas/ti deve observar a criação e o gerenciamento de elementos constitutivos que servirão de apoio à construção da teoria, tais como unidade hermenêutica, documentos primários, citações, códigos, notas de análise, esquemas gráficos e comentário.

Bandeira-de-Mello (2006) chama a atenção para a imensa quantidade de códigos que podem ser gerados pelo uso de *software*, exigindo do pesquisador habilidade de análise capaz de identificar categorias, bem como gerenciá-las até ser possível identificar o fenômeno principal de pesquisa. A microanálise permite ao pesquisador fazer uma série de questionamentos sobre o que está por trás dos dados. Assim sendo, há vantagens e riscos associados ao uso de *softwares* como apoio à pesquisa qualitativa, os quais precisam ser bem utilizados para não enviesar a pesquisa. Não esquecer que o computador para funcionar ou executar qualquer tarefa precisa ser alimentado pelo ser humano; a máquina realiza tarefas e o ser humano interpreta os resultados gerados por essas tarefas.

Ressalta-se que o uso do computador para a realização de tarefas mecânicas, tediosas e complicadas é fundamental para a eficácia do tratamento de dados qualitativos, porém o uso dessa ferramenta requer especial atenção do pesquisador, visto que este terá mais tempo para se dedicar a outras tarefas mais criativas e mais analíticas. Em suma, a preocupação com o uso de programas de computadores é que o pesquisador se torne refém de uma metodologia específica. A codificação e a rerepresentação dos dados permitem ao pesquisador “brincar” com

seus dados, podendo inviabilizar a qualidade da interpretação e a análise dos dados racionalmente.

6. Considerações finais: o futuro da pesquisa qualitativa

A qualidade da pesquisa qualitativa não pode ser reduzida à formulação de critérios e de pontos de referência para determinar o bom e o mau emprego dos métodos. Essa qualidade situa-se no nível do planejamento da pesquisa, que vai desde a indicação de planos e métodos até o controle da qualidade, bem como o nível de avaliação do processo, do treinamento para a pesquisa e da relação entre a atitude tecnológica, ou ainda, entre a arte e o método existentes na pesquisa. Tudo isso deve ser observado na definição de quando utilizar a pesquisa qualitativa, assim como cada um de seus tipos. Na decisão de escolha do método adequado, faz-se necessário buscar pontos de orientação que auxiliem na resposta dessa questão. Esta dependerá da proposta de investigação do pesquisador, bem como saber sobre qual método é apropriado e indicado para uma pesquisa qualitativa.

Dessa forma, a abordagem qualitativa requer novas maneiras de avaliação e de especificação da qualidade da pesquisa. O seu futuro não depende somente do avanço dos métodos nem da aplicação dos métodos desenvolvidos, visto que não é suficiente para um aumento no volume ou na qualidade da pesquisa. Além disso, há uma necessidade crescente da pesquisa qualitativa diante da dissolução dos agrupamentos estáveis e das divisões familiares, que fez da análise da cultura uma atividade bem mais complicada e complexa do que o era quando se sabia ou se acreditava que se sabia o que combinava com o que e o que não combinava. Enfim, são necessários modos de pensar que obedeçam a particularidades, as individualidades, as excentricidades, as descontinuidades, os contrastes e as singularidades. Neste mundo de dessemelhanças organizadas de modo variado, a pesquisa qualitativa tende a permanecer estática em sua evolução.

Ademais, a busca de leis universais, assim como a possibilidade da progressão científica em direção a uma verdade objetiva e o direito às alegações de perícia científicas perderam sua força. Se não existe um meio de combinar corretamente a palavra ao mundo, esta perde a garantia da validade científica, sendo do pesquisador a responsabilidade de questionar o papel da metodologia e dos critérios de avaliação. A ênfase empírica sobre o comportamento quantificável

ignorou o principal ingrediente da compreensão humana, os métodos qualitativos procuram ser mais fieis ao mundo social do que os quantitativos.

A metodologia expande-se com a pesquisa da capacitação, sendo esta a crítica com a representação e a que melhor se desenvolveu dentro da comunidade qualitativa. O pesquisador oferece suas habilidades e seus recursos, a fim de auxiliar os grupos a desenvolverem projetos de interesse mútuo. A pesquisa-ação participativa em que o pesquisador a partir de certo envolvimento participa da pesquisa, ou seja, se envolve para melhor desvendar o objeto em estudo. Para lidar com as questões de validade, a representação conjunta poderá evitar vieses dos pesquisadores que se juntam aos participantes na investigação e na redação, resultando num resultado compartilhado. Os pesquisadores pedem aos próprios participantes que se envolvam na redação dos relatos da pesquisa, o que dá maior credibilidade e confiabilidade aos resultados, conseqüentemente fortalecendo sua validade.

Com o avanço tecnológico, principalmente das tecnologias de comunicação, os processos de elaboração de significados também evoluíram de maneira acelerada. Os valores, as atitudes e as opiniões também oscilam, bem como os padrões de ação a eles relacionados. Nesse sentido, a relevância temporal de um estudo de pesquisa é cada vez mais circunscrita, e a meia-vida da análise cultural cada vez mais curta. Assim sendo, a questão é saber se os métodos tradicionais de pesquisa/representação estão se tornando rapidamente irrelevantes para as condições contemporâneas.

Latour (2000) faz uma analogia da ciência com a face de Jano, pois considera que a ciência tem duas faces: uma que sabe, outra que ainda não sabe. A escolha da que não sabe é prudente, pois a que sabe pode já não ter espaço para aprender. Neste sentido, espera-se que surja uma nova racionalidade,

uma racionalidade na qual a verdade científica não é o certo ou o determinado, e o indeterminismo ou o incerto não é a ignorância. Porque há liberdade na natureza que descrevemos, a qual permite por sua vez a liberdade interior que experimentamos (PRIGOGINE, 2002, p. 73).

Socialmente construída, a realidade é mutável, flexível e indeterminada, permeada por uma crescente complexidade por detrás de fenômenos que parecem simples e, assim sendo, nenhuma análise é definitiva, pois o real contém uma

infinidade de “essências” que é preciso clarificar, e os esquemas de inteligibilidade possíveis estão em constante transformação (BRUYNE et al., 1977). Por fim, é imprescindível trazer para a discussão científica a afirmação de Ibáñez (1985, p. 123-124) de que “nem a via indutiva-empírica, nem a via dedutiva teórica, nem nenhuma conjugação ou articulação entre ambas, permite alcançar a verdade”.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA-DE-MELLO, R. Softwares em pesquisa qualitativa. In: BANDEIRA-DE-MELLO, R.; GODOI, C. K.; SILVA, A. B. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A. Construção do Corpus: Um Princípio para a Coleta de Dados Qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Para uma Prestação de Contas Públicas: Além da Amostra, da Fidedignidade e da Validade. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2006.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: Os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CARR, W.; KEMMIS, S. **Becoming critical: education, knowledge, and action research**. London: University Press, 1986.

CASTRO, C. M. **A prática da pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa – Enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1971.

FREITAS, M. E. Viver a tese é preciso! Reflexões sobre as aventuras e desventuras da vida acadêmica. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 88-93, jan./mar. 2002.

GLASER, B.G.; STRAUSS, A.L. **The Discovery of Grounded Theory – Strategies for Qualitative Research**. Nova Iorque: Aldine de Gruyter, 1967.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995a.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa – Tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995b.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar** – como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONDIM, L. M. P.; LIMA, J. C. **A pesquisa como artesanato intelectual: Considerações sobre método e bom senso**. João Pessoa: Manufatura, 2002.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

IBÁÑEZ, J. Análisis Sociológico de Textos y Discursos. **Revista Internacional de Sociología**, n.43, v.1, p. 119-160. 1985.

KELLE, U. Análise com Auxílio de Computador: Codificação e Indexação. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAPERRIÈRE, A. A teorização enraizada (*grounded theory*): procedimento analítico e comparação com outras abordagens similares. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa – Enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study**. São Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1998.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

OLABUÉNAGA, J. I. R. **Metodología de la investigación cualitativa**. 5. ed. Bilbao: Universidad de Deusto, 2012.

PATTON, M. Q. **Qualitative research and evaluation methods**. 3. ed. London: Sage, 2002.

PRIGOGINE, I. **Do ser ao devir**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PRIOR, L. **Repositioning Documents in Social Research**. 2008. Disponível em <<http://soc.sagepub.com/content/42/5/821>>. Acesso em: 28 jan. 2013.

ROESCH, S. M. A. A dissertação de mestrado em Administração: proposta de uma tipologia. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 75-83, jan./mar. 1996.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. H.; LUCIO, P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SILVERMAN, D. **Interpretação de Dados Qualitativos: Métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.

SOLIS, S. S. F. O método experimental-dedutivo e a revolução galileu-cartesiana. In: HÜHNE, L. M. (Org.). **Metodologia científica – caderno de textos e técnicas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa – Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2008.

TESCH, R. **Qualitative research: analysis types and software tools**. Nova Iorque: Falmer, 1990.

Artigo:

Recebido em: 05/07/2012

Aceito em: 23/07/2013